

# A cotidianidade dos jornalistas\*

Viviane Marques Guedes

*“Todo homem pode ser completo,  
inclusive na cotidianidade”.*

Goethe

A epígrafe do escritor alemão introduz a essência do que tencionamos discutir neste capítulo. É preciso deixar evidente que nossa pesquisa se estende, diretamente, ao estudo crítico e antropológico da cotidianidade da “tribo” jornalística. Para isto, pontuaremos inicialmente alguns conceitos que definem o que se entende por vida cotidiana.

Falar de cotidiano pode parecer divagação sem substância, obviedade sem nexos ou banalidade vazia de qualquer conteúdo epistemológico. Entretanto, é preciso ter em mente que um conhecimento empírico de sua estrutura não pode ser dispensado. Agnes Heller (1970, p. 20) salienta que a vida cotidiana é a vida do indivíduo e que este é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico. Um ser inserido em uma sociedade, em uma vida heterogênea, fragmentada em partes orgânicas, que se estruturam pela atividade social, pelo lazer, pelo descanso, pela organização do trabalho e da vida privada. Será a

---

\*Capítulo do Livro *O trabalho de Sísifo: jornalismo e vida cotidiana* organizado pelo Professor Doutor Wellington Pereira - UFPB.

Referência: Guedes, V.M. *A cotidianidade dos jornalistas*. In: PEREIRA, W. (Org.). *O trabalho de Sísifo: jornalismo e vida cotidiana*. João Pessoa: Manufatura, 2004. 140p.

partir da interação desses conceitos que organizam a estrutura do cotidiano que iremos nortear nossas discussões acerca da comunidade jornalística.

A coexistência de tais conceitos e seu “funcionamento rotineiro” e espontâneo é imprescindível para uma “explicitação normal” (HELLER, 1970) do movimento heterogêneo do cotidiano<sup>1</sup>.

A partir dessas conclusões, entendemos o jornalista como um indivíduo imerso em uma cotidianidade heterogênea, que se concretiza pela convivência com mundos distintos, ou seja, um “indivíduo público” que transita por diversas esferas sociais. (ISABEL TRAVANCOS, 1993, p. 106)

Nossa pesquisa particulariza os jornalistas, uma vez que pretende mostrar que será do choque entre individualidade e genericidade<sup>2</sup>, próprios da estrutura cotidiana, que surgirá a base para a construção de sua prática profissional. Convém ressaltar que este

---

<sup>1</sup>Para Heller, a heterogeneidade será imprescindível para se conseguir uma “explicitação normal” da cotidianidade; e o funcionamento rotineiro da espontaneidade é igualmente necessário para que as esferas (partes orgânicas da vida cotidiana) heterogêneas se mantenham em movimento simultâneo.

<sup>2</sup>“O homem além de indivíduo é também um ser genérico, já que é produto de suas relações sociais. O representante do humano - genérico jamais é um homem sozinho, mas sempre a integração de tribos, demos, estamentos, classes, nação, enfim ele é a própria humanidade.”HELLER 1970. p. 21.

último fator fornecerá uma identidade característica ao cotidiano de todo jornalista. Travancos (1993, p.101) descreve o mundo dos jornalistas como sendo amplo e restrito. “Amplo, na medida em que não se resume ao local de trabalho, colegas de profissão e família. A cidade, o país e o próprio planeta fazem parte de sua vida. Restrito, na medida em que é a profissão, e tudo a ela ligado, que vai definir a função destes indivíduos na sociedade”. Esta última definição nos leva a introduzir o conceito sociológico de “homogeneização” da vida cotidiana.

Como sabemos, o cotidiano é heterogêneo e solicita nossas capacidades em várias direções. Pois bem, no processo de homogeneização “o indivíduo concentrará toda a sua atenção sobre uma única questão, suspendendo qualquer outra atividade durante a realização dessa tarefa” (GEORG LUKÁCS, p. 33). A cotidianidade do jornalista constrói-se sob o prisma de tal processo, que, na maioria das vezes, não é consciente. Segundo depoimentos do grupo investigado, a dedicação integral à profissão é a função prioritária em suas vidas ou, em outras palavras, o papel profissional sobrepõe-se aos outros papéis sociais, como é o caso das relações de parentesco, lazer e família. Observem no depoimento de um dos informantes: “... jornalismo é um trabalho contínuo, o profissional tem que estar preparado para trabalhar 24 horas por dia”<sup>3</sup>.

“O Trabalho 24 horas por dia” — uma expressão que está presente na ideologia de todo o fazer jornalístico. De acordo com o grupo investigado, não existe uma maneira eficaz de dissociar a correria do seu dia a dia

<sup>3</sup>Entrevista realizada no dia 06 de dezembro de 2002, em João Pessoa.

nas redações dos aspectos frutivos de sua vida particular. No cotidiano desses profissionais, ambos os momentos se confundem, mesclam-se mediante um processo simbiótico de interferência. Com isso, o espaço que deveria ser reservado às amenidades, ao entretenimento, ao deleite e à fantasia (dimensões do sonho cotidiano) é solicitado pela esfera produtiva e pela técnica profissional, que subvertem todos os aspectos lúdicos no cotidiano do jornalista.

### **Uma questão de profissionalismo...**

Todas essas discussões nos impulsionam a compreender que a cotidianidade do jornalista está sedimentada na constante tensão entre prática profissional e vida pessoal. Isto acontece pois a rotina na produção de notícias aliada às extenuantes horas de “ocupação” (TRAVANCOS, 1993, p. 103) no fazer jornalístico devoram o profissional da informação, transformando-o, na maioria das vezes, em um mero cumpridor de tarefas. De acordo com a entrevistada: “A guerra contra o relógio é constante. Às vezes planejamos chegar na redação e realizar muitas tarefas reservadas para aquele dia e, no final do expediente, você observa que “puxa vida” só deu para fazer metade; então precisa se doar um pouco mais, pois no outro dia já virão mais coisas para serem realizadas”.<sup>4</sup>

Pode-se entender, inclusive, que as rotinas que organizam o trabalho jornalístico, bem como a pressão do tempo, reivindicados pela rapidez de processamento da informação, são incorporadas ao dia a dia do jor-

<sup>4</sup>Entrevista realizada no dia 10 de dezembro de 2002, em João Pessoa.

nalista pelo que Jorge Sousa (Teoria das Notícias e do Jornalismo, 2002, p. 101) chama de processo de socialização:

A socialização deverá ser entendida como um processo interativo entre a organização e seus profissionais. Quando uma pessoa ingressa no jornalismo e numa organização jornalística, ela é sujeita a aculturar-se na organização e na profissão, a moldar atitudes, comportamentos e até a identidade.

Ainda nesse campo, John Soloski (1989,1993 apud SOUSA, p. 107) sustenta que “o profissionalismo, em interação com as políticas editoriais, seria um método econômico e eficiente de controle do comportamento e do trabalho dos jornalistas por parte das organizações noticiosas”.

Mauro Wolf (1985 apud JORGE SOUSA, p. 106), assinala que:

O profissionalismo desenvolve-se na empresa noticiosa e dentro de sua lógica produtiva. Falar de profissionalidade em termos de destreza significa analisá-la e interpretá-la como patrimônio de conhecimento e de capacidade elaborado ou adquirido dentro da lógica produtiva dos aparelhos.

Ora, é preciso perceber que essa socialização, mascarada de profissionalismo, pode se constituir em meio de conversão da consciente participação do jornalista no processo produtivo. “O indivíduo ingressa na organização noticiosa e passa a interiorizar sua lógica de mercado, submetendo-se, com isso, a uma espécie de ‘ideologia corporativa’”

(JORGE SOUSA, p. 103). Essa ideologia que é incutida no cotidiano do jornalista pode, inclusive, limitar a diversidade de seus discursos e pontos de vista. Isto ocasiona uma perda da identidade individual, o que induz o profissional a assumir o formato da organização da qual faz parte. Esse processo pode ser facilmente identificado com o que Karl Marx (Manuscritos Econômico-Filosóficos, 1844)<sup>5</sup> denomina de alienação.

Marx define a alienação como sendo um processo em que trabalhadores são integrados, através de tarefas puramente executivas e despersonalizadas, na estrutura técnico-hierárquica de uma empresa individual, sem ter nenhum poder nas decisões fundamentais. O que importa perceber aqui é que essa alienação, que decorre desses aspectos institucionais, perpassa muitos outros momentos da vida cotidiana do jornalista.

Segundo Agnes Heller, as formas necessárias da estrutura e do pensamento da vida cotidiana (trabalho, vida privada, descanso, lazer e atividade social) não devem se cristalizar em absolutos. Se pelo menos um desses fatores se cristaliza, encontramos diante da alienação da vida cotidiana.

De fato, é isso que ocorre com o cotidiano do profissional jornalista; um indivíduo homogeneizado na absolutização de sua atividade principal e integrado no universo produtivo da empresa em que trabalha. Um sujeito alienado da coerência “estrutural”<sup>6</sup> e do desenvolvimento “normal” de sua vida cotidiana.

Mesmo considerando todos os aspectos

<sup>5</sup>Marx apud Bobbio. Dicionário de Política, 1992. p. 20.

<sup>6</sup>A coerência estrutural está relacionada ao desenvolvimento simultâneo e efetivo das partes orgânicas da vida cotidiana.

discutidos neste capítulo, não pretendemos concluí-lo adotando uma postura apocalíptica com relação à cotidianidade de todos os jornalistas, nem generalizar os aspectos “orgânicos” que particularizam a vida cotidiana de cada indivíduo. Sabemos que o rompimento com a tendência alienante do cotidiano sempre será possível a todo ser humano, basta que este se concentre no significado de sua participação consciente na sociedade e tente “conduzir sua vida” (GOETHE apud HELLER, p. 40) pelos caminhos da plena realização de sua existência.

### **A verdade no jornalismo**

Neste item, nosso trabalho transcende os limites de compreensão da vida cotidiana do jornalista, pois intenta mostrar também como a realidade social será construída e manipulada pelos produtores da informação.

No livro *Notícia: Um Produto à Venda* (1978), Cremilda Medina elabora uma série críticas acerca dos procedimentos jornalísticos, pautando a maioria das discussões em torno da ética mercadológica vigente nos meios de comunicação de massa contemporâneos. Com isso, Medina questiona o padrão de jornalismo que, muitas vezes, abdica de princípios humanísticos e libertadores para fundamentar sua prática sobre os pilares da supremacia econômica do capitalismo.

O resultado dessa ética, muito bem proposta pela escritora, é o rompimento do “contrato social” (KANT, 1785; 2002, pp. 124-125) estabelecido entre imprensa e sociedade; o que põe em questão princípios como objetividade, imparcialidade, equilíbrio e, sobretudo, o valor de verdade, que

deveriam ser as bases vigentes no trabalho jornalístico.

Embora estejam intrinsecamente interligados, o que nos interessa neste subtítulo não é definir os conceitos de todos esses princípios supracitados, mas sim, compreender a definição de verdade e, principalmente, vislumbrar como ela é manipulada pelos produtores de notícias. Para Jean Baudrillard (1997, p. 59. apud MARSHALL, p. 53.) a imprensa pós-moderna trata a verdade como uma coisa irrelevante no processo de elaboração das notícias, já que a credibilidade das informações na mídia está na transmissão e não mais na apuração dos fatos. Seguindo esta lógica defendida por Baudrillard, Leandro Marshall (*Jornalismo na Era da Publicidade*, 2003, p. 53) acredita que na maioria das vezes a verdade perde a posição de princípio e passa à categoria de artifício do processo da informação.

Ora, a verdade, se colocada no devido lugar de princípio moral, estará próxima do conceito de dever, este, por sua vez, pressupõe e não pode estar dissociado do que reivindica o direito. Entretanto, tal formato de verdade, pautado na responsabilidade social, tem sido maculado pelos membros da comunidade jornalística, uma vez que, para atenderem aos imperativos do lucro nas empresas e às artimanhas da manipulação política, são capazes de distorcer a informação, manipular os fatos, chegando ao ponto de falsear acontecimentos e depoimentos. Essa realidade é facilmente identificada no relato de um dos jornalistas que nos serviu como objeto de análise: “...*todo jornalista deve ter um compromisso sério com a sociedade, mas nem todos têm, pois vestem a camisa da empresa em que trabalham e aceitam as suas imposições. Eu estou há muito tempo*

*no mercado e posso dizer que muitas notícias são abafadas, outras são divulgadas de acordo com interesses. Existe muita coisa que nem devo dizer!”<sup>7</sup>*

Tentando algumas vezes romper com esses constrangimentos institucionais, o jornalista apela para uma suposta autonomia que lhe deve ser assegurada pela profissão, mas, aos primeiros passos de liberdade de imprensa, acaba sendo tolhido pela política editorial que sustenta a empresa. Observem no depoimento: *“minha matéria estava pronta, mas meu editor “cortou” a maior parte do texto. Dizia ele que era para não nos comprometer”...<sup>8</sup>*

O que acaba acontecendo é que a sociedade acredita que a voz da mídia é o próprio “espelho”<sup>9</sup> (TRAQUINA, 2000, pp. 65-68) da realidade e termina percebendo o mundo através dessa ótica. A consequência disto é que o limiar entre verdade e mentira torna-se secundário e a leitura parcial da realidade inquestionável ou, em outras palavras:

se a imprensa, a rádio e a televisão dizem que alguma coisa é verdadeira, isto se impõe como verdade...mesmo que seja falso! O receptor não possui outros critérios de avaliação, pois, como não tem experiência concreta do acontecimento, só pode orientar-se confrontando os diferentes meios de comunicação. E se todos di-

<sup>7</sup>Dados da entrevista realizada no dia 06 de dezembro de 2002, em João Pessoa.

<sup>8</sup>Dados da entrevista realizada no dia 10 de dezembro de 2002, em João Pessoa.

<sup>9</sup>Traquina demonstra que a teoria do “espelho” é a primeira oferecida para explicar por que as notícias são como são. Na ideologia jornalística esta teoria é a mais aceita, uma vez que responde ao mito de que as notícias são como são porque a realidade assim as determina.

zem a mesma coisa, é obrigado a admitir que é a versão correta dos fatos e a notícia a verdade oficial (RAMONET, 1999, p.59 apud MARSHALL, 2003, p. 55).

## As vozes do cotidiano

Ao longo das últimas décadas, diversas metodologias foram sistematicamente abordadas para a investigação da atividade jornalística; dentre elas a análise de conteúdo e a análise de discurso, que obtiveram considerável destaque na procura de teorizações para o procedimento dos produtores de notícia.

Este ensaio foi construído, entretanto, a partir de uma abordagem mais sociológica do jornalismo, que se baseia na mais recente perspectiva etnometodológica, fundamentada na aplicação de questionários e entrevistas junto às redações. A ida aos locais de produção, bem como a observação da “tribo” jornalística e a análise detalhada das entrevistas, ofereceram-nos as bases para as conclusões obtidas nesta pesquisa.

O desfecho de nosso trabalho dá-se com a transcrição das respostas dos dois jornalistas acolhidos como informantes. Faz-se importante prevenir o leitor de que, a título de posturas éticas, limitar-nos-emos à publicação das falas dos sujeitos estudados, mantendo-os, pois, no anonimato.

## Entrevista 1\*

*“Sou jornalista há 10 anos”*

Anos a fio de dedicação ao ofício do jornalismo marcam a trajetória desta profissional de um grande jornal em João Pessoa. Seu discurso, carregado de uma breve resignação, revela que nada em sua vida está dis-

sociado das reivindicações do trabalho jornalístico. Ela traduz seu cotidiano como um espaço que sempre está condicionado às necessidades do universo profissional. *“A vida de um jornalista é o próprio jornalismo; eu convivo diariamente com esta realidade, pautando tudo o que pode ser notícia, numa busca frenética para passar a informação da melhor maneira possível”*. Enquanto a entrevistada se esmerava para me convencer de toda a sua *“dedicação integral”* ao trabalho, não pude deixar de perceber, naquele semblante sisudo, algumas linhas de uma preocupação constante...

Em algum momento, começou a fazer sentido sua inquietação: ela estava preocupada com uma guerra! Sim, com uma guerra rotineira, um embate cotidiano que, bem cedo, sacudia-lhe os lençóis e arrebatava seus sonhos para o circuito implacável e frenético do tempo real. Na vida de um jornalista, o que poderia interromper o fluxo do tempo, com a sua voracidade que angustia constantemente?. *“A guerra contra o relógio é inquietante; a disciplina é fundamental para poder coordenar todas as matérias. Tudo tem que ser muito rápido e a correria é grande. E apesar de ter muitas coisas para se fazer na redação, o profissional precisa encontrar tempo para ler os jornais, saber o que os outros veículos estão falando.”*

A luta massacrante contra o relógio parece ser um suplício 24 horas por dia na vida de todo jornalista, pois o seu trabalho está sedimentado em um ritmo de produção muito disciplinado. Segundo a entrevistada, *“nas redações há sempre muita tarefa diariamente e por mais que você avance fica sempre a idéia de que amanhã você vai ter que ir mais além...”*

Esta corrida produtiva (uma das facetas do

capitalismo) pode ocasionar, muitas vezes, uma superficialidade na apuração dos acontecimentos, fato este que acarretará, inevitavelmente, ruídos no processo informativo. A entrevistada reconhece que é preciso tempo suficiente para que uma matéria seja bem elaborada e levada com responsabilidade ao público. Entretanto *“alguns veículos exigem finalização imediata e a dinâmica da prática jornalística faz com que o profissional se sinta incomodado com o tempo de fechamento do jornal”*.

Um outro fator, com ditosa relevância, desponta no discurso da jornalista. É a questão da responsabilidade social, defendida, inclusive, pela maioria dos jornalistas como um reduto que mantém a ideologia da profissão. Isto não pode estar dissociado do apregoado mito da verdade no processo de elaboração das notícias. Mas haveria uma verdade por trás de tudo que é tangível? Para a jornalista sim!, e é esta verdade que deve ser a base de todo o fazer jornalístico, que deve tornar a notícia um reflexo da realidade. *“O jornalismo precisa exercer uma busca constante pela verdade, uma maneira de mostrar a notícia de uma forma responsável para que a audiência se sinta bem por estar sabendo e sendo informada sobre a realidade contida nos fatos”*.

Toda a mitologia de que as notícias são o reflexo da realidade tem sido estudada por muitos pesquisadores e pode ser definida com precisão na *Teoria do Espelho* (ver Traquina, 2000, p. 65). Esta é a primeira teoria que tenta explicar por que as notícias são como são e é, inclusive, a teoria oferecida pela própria ideologia jornalística. Existe aqui a noção de que o jornalista é um “comunicador desinteressado”, um observador que relata com honestidade e imparcialidade

o que acontece. A entrevistada diz que “*se você não tiver a visão de que trabalha para a comunidade, de que você trabalha para o telespectador ou leitor do jornal, você nunca vai fazer um trabalho bem feito e comprometido com a verdade.*” Tal discurso certamente apresenta o jornalista como um indivíduo ético, que simplesmente recolhe a informação e relata os fatos, sendo um mero mediador que reproduz o acontecimento na notícia. (Uma farsa sem proporções!).

A perspectiva supracitada pode se alargar do âmbito individual para um nível mais vasto quando percebemos também que o profissional da informação é um indivíduo inserido em uma “organização jornalística”. Com isso, suas decisões de trabalho estarão sempre vinculadas à política editorial da empresa em que se encontra “socializado”. Através desta socialização, o profissional torna-se condicionado às regras e aos mecanismos do fazer jornalístico no dia a dia das redações. Tais conceitos podem ser explicados pela Teoria Organizacional, proposta por Breed (1955/1993:154 apud TRAUQUINA, 2000, p. 71). Mediante esta teoria, as notícias são o resultado de interações sociais que surgem dentro da empresa jornalística. Neste sentido, o jornalista sabe que o seu trabalho vai passar por uma cadeia organizacional em que os seus superiores hierárquicos detêm o poder de controle da informação. Em consonância com o que se propõe neste parágrafo, a entrevistada revela: “*a disciplina é fundamental, o que eu sinto é que a coordenação é muito forte e você percebe que o trabalho nas redações tem que ser realizado custe o que custar. O meu trabalho depende totalmente do produtor, que depende completamente do repórter. E tudo*

*isto está condicionado à linha editorial da empresa jornalística.*”

Este último relato denuncia que a dimensão econômica coloca a notícia como um produto que deverá atender às necessidades não mais de um público, mas principalmente de consumidores de uma mercadoria perecível e elaborada segundo os ditames de uma política editorial baseada em preceitos capitalistas.

E neste ambiente exaustivo de produção, na maioria das vezes massificada, em que as regras de mercado tecem pautas, direcionam entrevistas e editam matérias, a entrevistada ainda acredita que “*para ser jornalista é preciso ter vocação*”.

## Entrevista 2\*\*

“*Ai que prazer  
Não cumprir um dever (...)*”<sup>10</sup>

Fernando Pessoa

Quem não imagina ter um momento de dedicação exclusiva a questões pessoais, sem que as interferências impiedosas do trabalho venham devastar as mais tênues horas de seu cotidiano? O convívio com a família, o contato indelével com a natureza, o encontro despreocupado com os amigos, o ócio, o lazer e, como diria Fernando Pessoa, “*Não cumprir um dever (...)*”.

Esta pode ser uma liberdade desfrutada pela maioria dos mortais, exceto pelos jornalistas; um grupo que tem, na euforia desenfreada das horas, o espaço propício para o enredo do seu dia a dia. Afinal, a vida destas

<sup>10</sup>Versos do poema Liberdade. PESSOA, Fernando. Mensagem. São Paulo. Martin Claret, 2001. p. 104

peçoas é determinada pelo estado de alerta constante e pela rotina frenética do trabalho nas redações. Como disse o entrevistado, *“para ser jornalista é preciso estar preparado para trabalhar 24 por dia. Por exemplo, se estiver dormindo e for solicitado para cobrir um fato, você tem que ir, tem que estar à disposição da profissão.”*

Enquanto relatava isto, o jornalista retirava apressadamente alguns papéis de uma pasta preta. Dizia ele que precisava redigir um texto e me pediu para aguardar. Naquele momento, confesso, desliguei o gravador com uma certa ira. Eu já havia esperado uma hora pela sua chegada na redação e ele ainda me veio com essa solicitação absurda.

Tentei me acalmar, o propósito de minha pesquisa era infinitamente mais importante. Nessas horas, em que nada podemos fazer, a solução é observar. A sala era bastante fria e havia vários computadores. Os telefones disputavam o grito mais alto e a correria naquele ambiente era tão grande, que as pessoas sequer pareciam notar minha presença. Repórteres e editores conversavam, buscando consenso quanto à forma de relatar os acontecimentos e um vai e vem desatado se movia por aquele espaço como que um sopro vertiginoso. Enquanto tentava compreender o motivo de tanta diligência, não pude deixar de, como sempre, lembrar Pessoa: *“(...) E a brisa, essa, / De tão naturalmente matinal, / Como tem tempo não tem pressa (...)”*<sup>11</sup>

Enquanto debruçava a consciência sobre estes versos e refletia sobre a condição humana, um súbito pedido de desculpas absorveu meus pensamentos. Já o havia perdoado, pois o que me interessava era prosseguir a

entrevista e procurar entender as peculiaridades daquele universo jornalístico.

Continuou:

*“Como dizia, o jornalista é um profissional que precisa disponibilizar tempo suficiente para o trabalho. Para você ter uma idéia, até dentro de casa eu me sinto jornalista, mas eu disfarço para minha esposa não notar”.*

Nesta última declaração, o jornalista deixa nítida a inquestionável tensão entre sua vida pessoal e a prática profissional. O cotidiano desse sujeito é a busca incessante por acontecimentos, é a corrida frenética pelo cumprimento de pautas ou como ele mesmo disse *“é a vida nas ruas, na fila de banco, nos ônibus, no trabalho...”*

Concomitante a todas estas considerações acerca do tempo e da dedicação à profissão, o jornalista retrata também a necessidade de se ter um compromisso com a notícia. Para ele, os fatos devem ser apurados de forma ética e as notícias repassadas com perspicácia ao leitor. *“É preciso que o profissional da informação tenha compromisso ético! Não é só fumar cigarro e beber com o público ou redigir alguns textos medíocres, mas precisamos ter envolvimento com a sociedade, com os fatos e sobretudo com a verdade.”*

Esta necessidade pode até existir, entretanto o que fazem os jornalistas? Cumprem na íntegra toda a ideologia que os sustenta? São apenas os defensores de uma prática que os mitifica e os coloca na posição de heróis do sistema democrático? Ou estes indivíduos estão socializados a tal ponto na empresa jornalística que seus conhecimentos e repertórios de vida não mais interessam para o ritmo produtivo nas redações? Todos estes questionamentos convergem para um mesmo denominador, que se revela no breve desa-

<sup>11</sup>Idem.



bafo do nosso entrevistado, “as empresas não permitem que um determinado fato apareça nos jornais, eu acredito que se os jornalistas tivessem mais liberdade, os fatos seriam colocados no jornal exatamente como eles são.”

Com isso, a questão da responsabilidade social e o mito da imparcialidade, apregoados pelos jornalistas e implícitos nos códigos deontológicos, tornam-se duvidosos. O que nos leva a crer que, no texto noticioso, a realidade é retratada de forma conveniente, atendendo aos interesses e às idiosincrasias da política editorial da empresa.

No modelo de jornalismo atual, as posturas éticas não são consideradas. O que interessa é que as pessoas precisam de informação, mesmo que seja de péssima qualidade. E os jornalistas se impõem como deuses oniscientes, capazes de sondar as necessidades dos cidadãos e de solucionar os males que desestruturam a sociedade. Em troca disto, o profissional da informação é aclamado pela opinião pública e elevado à categoria de mito. “As pessoas se deslumbram por verem uma matéria com o nosso nome publicado e nos mitificam. É impressionante como a sociedade acredita na influência do jornalismo.”

\*Realizada no dia 06 de dezembro de 2002, em João Pessoa.

\*\* Realizada no dia 10 de dezembro de 2002, em João Pessoa.

## Referências bibliográficas

- BOBBIO, N.; MATEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Brasília: UNB, 1992.
- FEATHERSTONE, M. *O Desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.
- GARCIA, R. L. *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra S/A., 1970.
- KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- MAFFESOLI, M. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- MARSHALL, L. *O jornalismo na era da publicidade*. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- PESSOA, F. *Mensagem*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- SOUSA, J. P. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Santa Catarina: Argos-Letras Contemporâneas, 2002.
- TRAQUINA, N. *O estudo do jornalismo no século XX*. Porto Alegre: Unisinos, 2000.
- TRAVANCOS, I. S. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus Editorial, 1993.